



Ana Margarida Simões

CIÊNCIA E FILOSOFIA NO MUNDO DO HOMEM

TRABALHO ESCRITO NO ÂMBITO DAS OLIMPÍADAS DE FILOSOFIA, 2014

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria
Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Ficha Técnica:

Título: Ciência e Filosofia no mundo do Homem

Texto elaborado no âmbito das Olimpíadas de Filosofia, 2014

Autora

Ana Margarida Simões

Professora orientadora

Maria de Lurdes Oliveira

Cantanhede, março de 2014

Edição da Biblioteca Escolar Clara Póvoa, Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede



Ciência e Filosofia no mundo do Homem by Ana Margarida Simões is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

«Creio que (o valor da filosofia) é muito importante no mundo atual. Primeiro, porque (...) nos lembra constantemente que há problemas de uma magnitude e importância enormes que a ciência, pelo menos para já, não pode resolver, e faz-nos compreender também que o ponto de vista científico, por si só, não é suficiente.»

Bertrand Russell

Introdução: o Homem – cientista e filósofo

O Homem, como animal racional que é, estuda, desde há muito, os fenómenos do mundo através da observação da Natureza, de experimentos e de experiências. Apesar de todas as descobertas e investigações científicas já efetuadas, nós, esta espécie pensante, não podemos atingir a felicidade apenas através dos contributos da ciência na nossa vida. Por isso, surgiram outras áreas de estudo e de reflexão, de carácter mais antropológico, que proporcionam conceitos e ideias que são diretamente conduzidos à vida prática, tornando-nos os agentes do nosso próprio fim: ser feliz.

A filosofia e a ciência têm objetos de estudo diferentes e, assim, têm também os seus próprios métodos. Apesar dos avanços técnicos e científicos a que a Humanidade tem vindo a assistir, a ciência já comprovou não ter capacidade de responder a determinados problemas; são eles problemas sociais, políticos, sociais, religiosos, entre outros, traduzidos no fim em grandes problemas filosóficos. A filosofia formula muitos problemas e as respostas mais esclarecedoras demoram o seu tempo a chegar, pois exigem uma grande capacidade crítica, racional e argumentativa. Porém, quando chegam, facilitam e melhoram as vidas e permitem atingir um estado de harmonia na sociedade. O Homem que filosofa sistematicamente (filósofo), o que o faz espontaneamente (comum cidadão) e o cientista têm, de diferentes formas, dado resposta a diversos problemas, contribuindo para o progresso.

As velhas interrogações – Quem nasceu primeiro: a ciência ou a filosofia?

Há perguntas que nos acompanham toda a vida e, como se décadas e décadas de interrogações não fossem anos de inquietação mental, há perguntas que acompanham a Humanidade desde há muitos séculos atrás. As perguntas que Sócrates fazia aos seus iguais e “comuns mortais” na Grécia antiga, há mais de vinte e três séculos atrás, são incrivelmente algumas das mesmas que hoje fazemos nós, cidadãos do século vinte e um. As gerações anteriores nem sempre responderam da forma mais esclarecedora e tranquilizadora a estas questões e ainda hoje nos perguntamos qual o sentido da vida, se Deus existe ou qual o critério ético que nos deve guiar em sociedade.

De forma quase irónica, também a ciência se tem dito e contradito, ainda que esta raramente alcance a humilde modéstia da filosofia, querendo-se afirmar com conhecimentos e verdades absolutas e universais, que depois acabam por ir sendo alteradas com novos estudos e novas provas. (Afinal um só homem desmentiu milhares de homens que, ao longo de séculos e séculos, estariam a pensar erradamente. Galileu sabia que não era a Terra que estava no centro do universo, parada. “No entanto, ela roda...” e à volta do Sol.)

Voltamos à nossa questão: será que surgiu primeiro a ciência ou a filosofia? Desde há muito que o homem observa e tenta explicar os fenómenos da Natureza, por isso, ainda que com pequenas descobertas, a ciência existe basicamente desde os primeiros seres racionais e comunicativos.

É importante lembrar que os primeiros filósofos, nas colónias gregas da Ásia Menor, eram também (e sobretudo) homens que estudavam a *Physis* (ou seja, a Natureza). Através da sua observação, estes homens procuravam explicar diversos fenómenos naturais e do mundo. No sentido etimológico do termo, estes seres humanos eram de facto filósofos. Para se dedicarem afincadamente a saber mais acerca do que se passava na Natureza era porque de facto amavam (*filos*) a sabedoria (*sophia*). Para explicar todos os acontecimentos observados, eles usavam a Razão e, de forma crítica e radical, buscavam respostas a inúmeras questões que surgiam nas suas mentes. Não é fácil explicar o que durante tanto tempo foi desconhecido, nem é fácil assumir esses factos perante todos os outros – só de forma autónoma, radical, absoluta e universal é possível defendermos as nossas ideias perante os outros; para isso é necessária a coragem e todos estes ingredientes mencionados que remetem para a especificidade da filosofia. O cientista não precisa de tanta coragem como o filósofo. O cientista “limita-se” (não que seja, obviamente, um trabalho simples ou pouco exigente) a estudar a realidade material e física, e com os estudos corretos prova novas descobertas acerca deste nosso mundo.

Arribo-me a dizer que Galileu tinha mais alma de filósofo do que de cientista. Invoco novamente a coragem... não é fácil passar do mito à Razão e, se essa mudança foi possível e real na Antiguidade Clássica teve uma explicação; afinal, a Ásia Menor era uma região onde convergiam diversas culturas e onde o diálogo era quase forçoso. A comunicação é uma mais-valia e só com o uso da linguagem podemos transmitir ao Outro conceitos, juízos, raciocínios, opiniões. Sem a linguagem não seríamos muito. Teríamos corpo mas não alma, por isso não seríamos – teríamos mas não seríamos. Não me limito à língua portuguesa ou a qualquer outro idioma: a arte também diz muita coisa (o inexplicável por palavras, muitas vezes); há várias linguagens que aproximam os Homens.

Estes homens que estudavam a *Physis* deram, de alguma forma, o seu contributo no processo (e progresso) científico, mas foram também os primeiros filósofos, na medida em que procuraram fugir de preconceitos e de dogmas e quiseram passar do mito à Razão, ainda que isso seja por vezes mal aceite perante os seus iguais. Iguais não seriam, pois os que continuavam a viver no mito não compreendiam aqueles que queriam conhecer mais e chegar mais longe. Platão criticou esse facto na sua “Alegoria da Caverna”; custa muito querermos sair da escuridão, das trevas e tentarmos chegar à Luz, à Razão - quando chegamos lá, só queremos partilhar esta descoberta àqueles que durante tanto tempo estiveram connosco, e que no fundo seriam nossos iguais; quando voltamos junto deles, corremos o risco de nos matarem, pois já não nos compreendem.

A ciência e a filosofia são, então, estudadas há muito tempo, ainda quem nem sempre tivessem esta terminologia ou fossem conceptualizadas da mesma maneira que o fazemos hoje em dia. A filosofia, a passagem do mito à Razão foi, contudo, mais tardia.

O papel da ciência e da filosofia na sociedade

Desde que existem, estas duas áreas têm sido de extrema relevância para o progresso e para o desenvolvimento de ideias, conhecimentos e sabedoria, acerca da realidade, seja ela física ou humana. Através do estudo da ciência e da filosofia é possível solucionar e dar resposta aos mais diversos problemas do mundo, ainda que sejam eles problemas de diferente carácter. A ciência não é capaz de responder aos problemas a que responde a filosofia, e esta também não responde aos cânones de observação e explicação de factos naturais com o mesmo rigor e detalhe.

A visão de Russell acerca do papel da filosofia no mundo contemporâneo

Bertrand Russell é um dos grandes nomes da filosofia contemporânea. Além do seu contributo dentro de áreas filosóficas específicas, Russell fez-nos compreender ainda qual o papel da filosofia na vida e no mundo e qual o motivo pelo qual se estuda e deve estudar filosofia. É um lugar-comum dizer que a filosofia é importantíssima hoje em dia. De facto, é fundamental estudar filosofia para compreender o mundo atual, mas é tão importante este estudo como seria há quatro séculos, no Renascimento ou como seria na Idade Média ou até no seio da Civilização Egípcia. Quem estuda filosofia sabe pensar de forma crítica e racional e é capaz de resolver alguns dos dilemas do mundo, que envolvem assuntos políticos e judiciais, sociais, religiosos e até artísticos. A filosofia, tendo como objeto de estudo a totalidade do real, é capaz de intervir de muitas formas e a vários níveis na resolução de problemas de índole humana, de grande importância, e deve intervir em qualquer espaço, em qualquer tempo e perante qualquer civilização.

Segundo Russell, eram estes os problemas mais difíceis de resolver, já que a ciência ainda não lhes podia dar qualquer tipo de resposta. Só através da argumentação e da reflexão se poderia chegar a um consenso entre todos os intervenientes e os interessados na discussão de determinado assunto.

Por si só, o ponto de vista científico não é suficiente na resolução destes problemas, que são, afinal, os problemas que nos rodeiam no quotidiano, já que vivemos em sociedade. Urgem as respostas mais pensadas para acabar com os conflitos próprios do dia-a-dia e com os conflitos de toda a Humanidade. A ciência é tão universal quanto a filosofia, mas o pensamento humano não o será, pois há pontos de vista diferentes que merecem debate e justiça no seu tratamento. Só depois desses processos, depois de analisar todos os argumentos, serão os Homens capazes de tomar as melhores decisões.

A ciência sabe se a eutanásia é uma ação ética ou moralmente boa?

A ciência, devido ao particular objeto de estudo, acaba então por não debater perguntas que se relacionam com outras faculdades humanas. Limitando-se ao estudo de corpos e matérias, a ciência esquece por vezes a resposta a problemas essencialmente éticos. Contudo, algumas áreas da ciência lidam de perto com seres humanos (como é o caso da medicina, que necessita frequentemente de respostas a perguntas de conteúdo ético e moral). Exemplos desses problemas são a eutanásia ou o aborto. Será a eutanásia uma ação eticamente boa? Qual a moralidade presente na questão do aborto? Nestes problemas é necessária a intervenção da filosofia. Só através do levantamento destes problemas, teses acerca deles defendidas e dos respetivos argumentos e contra-argumentos é possível dar resposta a questões que vão além da nossa condição de ser vivo. A ética, a metafísica, e demais áreas em que se debruça o estudo filosófico, vêm então dar uma ajuda no esclarecimento de dúvidas acerca da nossa ação humana perante os outros e perante o mundo.

A filosofia cura doenças?

É certo que a filosofia não é capaz de curar doenças nem de prever catástrofes naturais que dizimam a vida de tantos, mas a sua especificidade permite, pelo menos ajudar, a resolver os maiores problemas do Homem. A filosofia não faz mudanças no mundo físico, no exterior; nesse espaço interfere a ciência. É a ciência que estuda os processos e leis físicas, as doenças humanas e animais, e as catástrofes naturais e por isso é ela que induz a forma mais segura de construir uma infraestrutura, a cura mais eficiente de uma doença e prevê catástrofes naturais que poderiam passar a ser catástrofes humanas, caso não fosse possível atempada prevenção. Como disse, a filosofia não altera o mundo físico. Assim, a filosofia não é capaz de responder a problemas genéticos e biológicos, como o de detetar a presença um vírus letal num corpo humano e, conseqüentemente, não é capaz de resolvê-los.

A filosofia não altera diretamente o mundo físico.

A filosofia não altera diretamente o mundo físico, mas altera modos de pensar. A filosofia chega diretamente ao interior da mente humana e através da Razão permite criticar hábitos, formular problemas e dar resposta a estes.

A filosofia não muda diretamente o mundo mas muda as diretamente as pessoas.

São as pessoas que mudam o mundo.

Logo, a filosofia pode (indiretamente) mudar o mundo.

A filosofia é afinal capaz de mudar o mundo, não a nível físico ou biológico mas a nível humano – ensinando-nos a viver em sociedade, porque só numa organizada gestão das vidas, na esfera pública e privada, os Homens podem atingir a felicidade. Aristóteles afirmou um dia

que “Um Homem isolado ou é uma besta ou é um deus” - somos um animal social e se não houver espírito de diálogo e solidariedade tornar-se-á difícil atingirmos os nossos maiores objetivos.

A representação mental de guerra para a ciência e para a filosofia

Faz-se guerra por dois motivos: o político e o religioso; guerra é uma ação de extrema violência entre populações que defendem interesses ou crenças antagónicas. A nível político, faz-se guerra quando os interesses eleitorais, económicos ou sociais não estão a ser correspondidos; a nível religioso, há guerra devido ao choque cultural entre populações com crenças diferentes. Duas das áreas filosóficas estudadas são a filosofia política e a filosofia da religião. Desta forma, é compreensível que a filosofia tente sempre encontrar a resposta mais plausível e justa a nível moral, ético e de valores. Refiro uma vez mais que apesar de a filosofia não poder mudar a Natureza ou o mundo físico, ela pode mudar a Cultura, ou seja a realidade humana e antropológica. Através de uma educação filosófica muito trabalhada a nível ético e político, chega-se ao reconhecimento da guerra como ação moralmente má e sem fundamento. A filosofia poderá acabar com a guerra se mudar o pensamento de quem a faz.

Nos últimos anos, abordando o mundo contemporâneo a que Russell se referia, a ciência tem evoluído de forma quase imparável. Até que ponto pode ser essa evolução sinónimo de progresso? A ciência tem salvado vidas (só com vida podemos atingir o principal objetivo - o de ser feliz) e tem por isso um contributo muito positivo na vida de cada ser humano, mas a evolução rápida e incalculada da ciência trouxe também alguns aspetos negativos e incontornáveis. Aristóteles defendia que as coisas podem ter valor intrínseco (ou seja, valor em si mesmas e por si só) ou valor instrumental (essa coisa pode ser utilizada com um bom ou um mau fim; não tem valor em si mesma mas o seu valor é-lhe atribuído de acordo com a finalidade a que se destina). Se o discípulo de Platão defendia que a Saúde, por exemplo, tem valor intrínseco, eu defendo, nesta mesma linha de pensamento, que a ciência tem valor instrumental.

As descobertas científicas não são boas nem más em si mesmas, mas podem ser utilizadas de acordo com uma boa finalidade (a de curar doenças e salvar vidas, por exemplo), ou com uma má finalidade (a de fazer guerra com armas químicas). Neste sentido, é perceptível que a ciência tem o seu cunho em situações de guerra, porque a bomba atómica e as armas químicas devem a sua existência a descobertas e invenções que a ciência tem realizado, o que se torna numa agravante, pois estas armas intervieram em guerras dramáticas para a Humanidade, matando milhões de Homens, uma má ação a nível ético.

Uma alegoria

Alegoricamente, a ciência e a filosofia estão de costas voltadas uma para a outra; não por serem inimigas ou por não se quererem entreatujadar, mas simplesmente porque têm, na sua mira, duas linhas de horizonte distintas. Vejo-as num lugar entre a serra e o mar. A filosofia viu o sol nascer após uma demorada noite escura, sombria e tenebrosa; este Sol é a Luz da Razão que trouxe o verdadeiro conhecimento. A ciência passou um quase eterno dia em observações

constantes e experiências e agora sim, poderá disfrutar de um pôr-do-sol que traz beleza e poderá dormir descansadamente, pois já encontrou a resposta mais fiável aos assustadores problemas que a perseguiram. No fim, depois de filosofar, descobri que me havia equivocado. Lembro-me de que não nos podemos fiar dos sentidos, diziam alguns filósofos que me surgiam em mente; a filosofia e a ciência estavam algures, lado a lado e de mão dada. O sangue e a matéria que lhes percorriam as veias eram um só, e os seus pontos de miragem eram afinal um só, o mesmo: um céu cheio desse “tudo que é nada” mas que as fazia querer ir mais além. E esse céu não era o tudo, nem o nada, nem o mito de Pessoa... não sei o que era o céu porque não sei como será o futuro e onde chegarão a ciência e a filosofia. Já chegaram longe, imagino, pois às vezes tenho receio de olhar para baixo e querer ver os erros morais e éticos do passado. Mas sei que poderão chegar ainda mais longe, a par e passo.

Conclusão

A ciência não é suficiente para resolver todos os problemas do mundo, porque não somos feitos apenas de matéria. É necessária a intervenção também da filosofia. O Homem racional tem em si capacidades únicas que o permitem explorar o desconhecido e chegar mais além. A finalidade da vida humana é o alcance da felicidade, da harmoniosa felicidade soberana de toda a Humanidade. Para que esta utopia possa um dia vir a ser concretizada teremos de ceder lugar ao pensamento filosófico e não acreditar somente na evolução científica como meio de salvação dos corpos. O pensamento e a mente também necessitam de ser descobertos e explorados. Isto porque sem corpo não temos mente, estamos mas não somos; e sem mente, temos corpo, estamos mas não somos. Voltamos aos espectros do passado, que criaram filosoficamente o dualismo Corpo-Mente, tão apreciado nesta estrada da filosofia, que data de há séculos. A estrada da ciência convergiu um dia por estes caminhos e não mais nos separámos. A ciência cuida do corpo e a filosofia cuida da mente. Assim temos, estamos e somos. Assim seremos.